

# > A vida de Gulliver entre os Houyhnhnms e a visão de Paulo: ser um Yahoo (Humano) é ter um espinho na carne?

> Gulliver's Life Among The Houyhnhnms and Paul's Vision: does being a Yahoo (human) mean having a thorn in the flesh?

por **Fernando Bruno Antonelli Molina Benites**

UNESPAR, Universidade Estadual do Paraná.

E-mail: professorfernandobruno@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1999-3164.

por **Mauricio Cesar Menon**

UTFPR, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

E-mail: mcmenon@utfpr.edu.br. ORCID: 0000-0003-1999-3164.

## **Resumo**

O objetivo do presente estudo é realizar uma leitura da quarta parte de *As Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift. Essa leitura avalia os efeitos sentidos pelo narrador a respeito da convivência entre seres equinos dotados de inteligência e amantes da razão, a partir das assertivas do Apóstolo Paulo na *Segunda Carta aos Coríntios*. A *Segunda Carta aos Coríntios* é um texto bíblico que revela a dor de conviver com as imperfeições após ter sido exposto a um padrão muitíssimo mais elevado. Assim, Gulliver e Paulo passam a odiar o orgulho, e é nos enunciados de Northrop Frye (2013) que estabeleceremos a aproximação temática entre as perguntas do viajante e as respostas do fariseu convertido a Cristo, considerando a triste condição do homem natural – Yahoo? – delinearemos nossas reflexões.

**Palavras-chave:** *As Viagens de Gulliver*. *Segunda Carta aos Coríntios*. Orgulho. Aproximação temática.

## **Abstract**

The aim of the present study is to read the fourth part of *Gulliver's Travels* (1726), by Jonathan Swift. This reading evaluates effects felt by the narrator about living together between equine beings gifted with intelligence and praisers of reason, from the assertions of the Apostle Paul in the *Second Letter to the Corinthians*. The *Second Letter to the Corinthians* is a biblical text which reveals the pain of living together with imperfections after having been exposed to a much higher standard. Gulliver and Paul start to hate pride, and it is in the statements of Northrop Frye (2013) that we will establish the thematic approach between the traveler's questions and the responses of the converted Pharisee to Christ, considering the sad condition of the natural man – Yahoo? – we will delineate our reflections.

**Keywords:** *Gulliver's Travels*. *Second Epistle to the Corinthians*. Pride. Thematic Approach.

> Artigo recebido em 07.04.2019 e aceito em 09.07.2019

## 1. Considerações iniciais

A leitura de *Viagem ao país dos Houyhnhnms*, quarta e última parte do clássico atemporal de Jonathan Swift, é, decerto, um irresistível convite à autoanálise, a um exame pormenorizado dos vícios que acometem indivíduos e sociedade e, por conseguinte, à aproximação temática com algumas das assertivas do Apóstolo Paulo em sua *Segunda Carta aos Coríntios*. Semelhantemente ao missivista do *Novo Testamento*, o narrador-personagem de *As viagens de Gulliver* apresenta, após não só testemunhar, mas viver experiências extraordinárias, o que doravante nominaremos *aspecto sentimental*. O aspecto sentimental estabelece o diálogo e a aproximação temática – foco do presente trabalho – com o que afirma o missionário cristão.

Para isso, recorreremos a uma breve apresentação de ambos os autores – Jonathan Swift e Apóstolo Paulo – e suas obras que aqui nos interessam, atendo-nos ao aspecto que nos motiva e, destarte, trazendo à baila o pensamento de Northrop Frye (2004). Assim, após pesquisa bibliográfica na qual perpassamos Burgess (2003), Candido (1989), O’Grady (2013), Lima (2007) e Raymundo (2014), recorreremos à apresentação de recortes dos textos literários analisados, com comentários pertinentes à leitura realizada e apresentados de maneira comparativa na última seção deste artigo.

Assim, tencionamos abordar um traço pouco lembrado de *As viagens de Gulliver*, obra indubitavelmente presente em nosso imaginário, muito mais pelo primeiro do que pelo último capítulo. Ademais, intentamos destacar que tal traço encontra sua gênese em questões – como o que ocorre com uma plethora de outros exemplos da literatura – em características humanas abordadas e tão bem exploradas na *Bíblia Sagrada*. E, desse modo, pretendemos contribuir para uma leitura mais eclética e uma análise diferenciada da obra em questão.

## 2. Jonathan Swift e *As viagens de Gulliver*

Além de escritor, o irlandês Jonathan Swift (1667-1745) foi poeta, crítico literário e sacerdote da Igreja Anglicana. Órfão de pai desde antes do nascimento, mudou-se para Leicester em 1688 – ano da morte de seu tio Godwin, que o criara até então – para viver com sua mãe. Após concluir seus estudos em Teologia, levou adiante, juntamente ao sacerdócio, a carreira literária, tendo publicado *O Conto do Tonel* em 1697, obra na qual o sarcasmo e a ironia que tanto o distinguiram desvelam-se para os leitores mais perspicazes, uma vez que nela não são poupadas críticas aos comportamentos extremados de católicos e protestantes – leiam-se os *calvinistas*.

O maior prosador da primeira metade do século – talvez do século todo – é Jonathan Swift. Um grande humorista e um satirista selvagem, sua comida é, às vezes, forte demais até mesmo para um estômago saudável. Ele é capaz de fazer algo puramente divertido – como em alguns de seus poemas – e de fazer piadas joviais, mas há um fundo de amargura nele, que afinal revela um ódio louco à humanidade.<sup>1</sup>

Arguto e analítico, ao ser nomeado deão da catedral de Saint Patrick (1713), Swift passa a se interessar avidamente por política, tendo se alinhado primeiramente aos liberais para depois figurar entre os conservadores. Iniciou sua obra-prima, *As viagens de Gulliver*, em 1720, publicando-a seis anos mais tarde.

Seu tom jocoso ainda pode ser mais uma vez confirmado em 1729, quando, sob anonimato, publica *Uma modesta proposta para prevenir que, na Irlanda, as crianças dos pobres sejam um fardo para os pais ou para o país, e para as tornar benéficas para a República*. Nesse texto, Swift defende que os pobres de seu país vendam os filhos para que estes sirvam de alimento para as classes mais abastadas:

É motivo de melancolia para aqueles que passeiam por esta grande cidade, ou que viajam pelo campo, verem nas ruas, nas estradas, e às portas das barracas, uma multidão de pedintes do sexo feminino, seguidas por três,

---

<sup>1</sup> Antony Burgess, *A Literatura Inglesa*, 2003, p. 185

quatro ou seis crianças, todas em farrapos, a importunarem cada passante pedindo esmola.

Estas mães, não sendo capazes de trabalhar para angariar honestamente a vida, veem-se forçadas a gastar todo o tempo que têm a andar por ali, a mendigar o sustento para os seus filhos desprotegidos. E estes, depois de crescerem, ou se tornam ladrões por falta de trabalho ou abandonam o seu querido país natal para irem se alistar num exército inimigo [...]

Foi-me garantido por um muito sábio americano do meu conhecimento, em Londres, que uma criança jovem e saudável, bem alimentada, com um ano de idade, é do mais delicioso, o alimento mais nutriente e completo – seja estufada, grelhada, assada ou cozida [...]

Portanto ofereço humildemente à consideração pública que, das cento e vinte mil crianças já computadas, se possam reservar vinte mil para criação [...] deste modo, os restantes cem mil, com um ano de idade, poderiam ser oferecidas para serem vendidas às pessoas de qualidade e fortuna reino fora – advertindo sempre a mãe para que as deixe mamar à vontade no último mês a fim de as tornar rechonchudas e gordas, dignas de uma boa mesa<sup>2</sup>.

É evidente que tal excerto só poderia ter saído da pluma de um sacerdote, se este a tivesse mergulhado nas fortes tintas da ironia e do oxímoro, elementos certamente presentes no imaginário do autor, amigo fiel do humor e do absurdo no caprichoso delineamento da ferocidade de suas críticas. Depreciações e censuras mirando a sociedade excludente e a humanidade tacanha, aliás, adjetivaram Jonathan Swift e o vestiram como uma segunda pele enquanto viveu e produziu.

Tendo sido acometido de graves tonturas no decorrer de toda a vida, o autor sofre com uma severa piora de sua misteriosa doença em 1738, quando é considerado mentalmente incapaz. Morre em 1745 deixando *As viagens de Gulliver* como seu grande legado. Narrada em primeira pessoa, a obra descreve – em tom anedótico e fabuloso – as atípicas e curiosas visitas de seu protagonista a países desconhecidos, ora movido por razões distintas, ora vitimado por infortúnios diversos.

Primeiramente, Gulliver vai a *Lilipute*, relatando uma experiência que nos leva a refletir acerca da mesquinharia, megalomania e empáfia daqueles que nos

---

<sup>2</sup> Jonathan Swift, *Uma modesta proposta para prevenir que, na Irlanda, as crianças dos pobres sejam um fardo para os pais ou para o país, e para as tornar benéficas para a República*, 2005, p. 31.

governam. Satirizando os bastidores das cortes reais, Swift faz dos *liliputianos* seres minúsculos que poderiam facilmente ser esmagados por uma pisada do visitante – em uma clara amostra de que somos muito maiores do que aqueles que detêm o poder. Em seguida, o médico aventureiro chega a *Brobdingnag*, onde suas desventuras nos levam a raciocinar sobre o oposto: a pequenez do ser humano. Aqui, os *brobdingnaguianos* são os gigantes, e o narrador é o minúsculo ser na iminência da trituração ou soterramento por qualquer movimento mínimo de seus habitantes ou, ainda, por uma mera gota de chuva, entre outras coisas risíveis para as quais, normalmente, não damos a menor importância. A terceira parte da obra narra a permanência de Gulliver em terras nas quais nota-se um tremendo conhecimento científico (vide *Laputa*, a ilha voadora, e a profusão de cientistas e projetos de *Lagado*) e até sobrenatural (haja vista *Glubbdubdrib*, lugar em que os feiticeiros têm o poder de convocar os mortos de volta à vida). No entanto, tais entendimentos não trazem qualquer progresso, e é nesse momento que Jonathan Swift nos alerta para o fato de que o desenvolvimento tecnológico, que não traz benefícios materiais ou espirituais para o povo, não tem razão de existir. Assim, em pleno Século das Luzes – época em que a ciência figurava como a quintessência do progresso humano –, o autor cuidadosamente conduz seus leitores por um caminho ácido, no qual elenca o pensamento científico e a racionalidade como meros fetiches.

Por tudo o que vimos, é notório que, dentre as principais preocupações de Swift, figuram as questões sociais – tanto relativas à organização e à divisão da sociedade quanto referentes à qualidade dos personagens atuando em sua conjuntura –, humanas e espirituais. Nesse sentido, a sátira configurou-se na válvula de escape com que pode contemplar toda essa problemática:

[...] Daí ter sido o século XVII um tempo rico em ficção alegorizante, para muitos a forma suprema a que o gênero poderia aspirar. Mas os seus produtos são pífios vistos de hoje, pois quando a camada alegórica deixava de ser uma espécie de leitura possível de qualquer texto, para se tornar objetivo principal e consciente dos autores, o resultado foi quase sempre péssimo e mesmo nulo. De fato, a alegoria é um modo não-ficcional de ver o mundo; é mesmo antificcional apesar das aparências, na medida em que nela a ficção é um pretexto e um veículo, a ser dissolvido quanto antes

pelos fluidos da noção e da informação (moralmente condicionados), que devem suplantar a aparência romanesca. Importantes seriam a ideia abstrata ou o princípio ético, integrantes do sistema ideológico de um dado tempo; e isto faz que a alegoria se torne fetichizadora e fique presa demais ao seu momento histórico, sendo um código contingente que perde o interesse para a posteridade, mesmo quando esta possui a chave do segredo. Tanto assim que nenhum romance alegórico alcançou a grandeza e quase nenhum ficou, salvo *As Viagens de Gulliver*, de Swift<sup>3</sup>.

Não restam dúvidas de que os aspectos abordados pelo crítico renderiam pesquisa maior e mais complexa do que a aqui realizada, e que o valor e mérito de *As Viagens de Gulliver* não podem ser mensurados pela régua de um único artigo. Todavia, não é nossa intenção, no presente trabalho, debruçarmo-nos sobre a totalidade da obra em questão, mas sim fazê-lo somente sobre sua última parte – *Uma viagem ao país dos Houyhnhnms*.

### 3. A vida de Gulliver entre os *Houyhnhnms*

A quarta e última parte do romance, em nossa concepção, é aquela em que os questionamentos e as reflexões propostas pelo autor atingem seu grau mais elevado e seu tom mais dramático, configurando-se, por isso, como objeto de nosso interesse. Após ser traído por sua tripulação e abandonado à própria sorte no longínquo e desconhecido território dos *Houyhnhnms*, Gulliver passa, gradativamente, a enxergar-se participante de um novo paradigma existencial: os fantásticos cavalos que dão nome ao país são, no território em questão, os seres agraciados com a razão, dominando sobre os repulsivos *Yahoos* – uma espécie de encarnação daquilo que de pior existe entre os seres humanos:

Fui parar numa estrada, onde vi muitas marcas de pés humanos e algumas de vacas, mas a maioria de cavalos. Finalmente, avistei vários animais num campo e um ou dois da mesma espécie sentados em árvores. Sua forma era muito estranha e deformada, o que me perturbou um pouco. Assim, deitei-me atrás de uma moita para observá-los melhor. Alguns deles avançaram para perto de onde eu estava, dando-me uma oportunidade de examiná-los. Suas cabeças e peitos eram cobertos de pelos grossos. Tinham barbas de bode e uma longa crina no dorso e na parte dianteira das pernas e dos pés. Mas o resto do corpo era nu; sua pele, castanha. Não tinham caudas. [...] No conjunto, eu jamais vira, em minhas

<sup>3</sup> Antonio Candido, *A educação pela noite e outros ensaios*, 1989, p. 84 a 86.

viagens, animal tão desagradável nem mais antipático. Assim, pensando já ter visto suficientemente, cheio de desprezo e aversão, voltei à estrada.<sup>4</sup>

Há, concomitantemente, um paradigma interno da obra sendo quebrado nesta última parte, visto que o tom crítico e feroz da narrativa, que até então havia escancarado as máculas da sociedade e descortinado o pessimismo quanto à humanidade e a seu futuro, choca-se com uma nova ideia, lentamente desvelada nas linhas traçadas pelo narrador-protagonista: parece haver uma cura para os vícios da humanidade. A perfeição ostensiva com a qual aparentemente foram delineados todos os aspectos que circundam os *Houyhnhnms* é fruto de uma razão semelhante à humana, livre, no entanto, das deformidades que nos acometem. Voltar a um estágio de pureza seria, então, a solução definitiva para nossos problemas?

O cavalo estremeceu um pouco ao se aproximar, mas logo se recobrou. Fixou os olhos em mim, espantado. Examinou minhas mãos e pés, andando à minha volta por várias vezes. Em seguida, pôs-se no meu caminho, com uma fisionomia muito mansa, não demonstrando o menor sinal de violência. Ficamos olhando um para o outro durante algum tempo. Finalmente, ousei estender minha mão ao seu pescoço. Pretendia acariciá-lo, empregando os modos usuais e o assobio dos adestradores de cavalos. Mas o animal pareceu receber minhas gentilezas com desprezo. Balançou a cabeça, ergueu as sobranceiras e levantou devagar a pata esquerda para afastar minha mão. Então, relinchou três ou quatro vezes, mas de tal forma, que comeci a pensar que estava falando em alguma língua sua. Nesse meio tempo, chegou um outro cavalo. Um roçou gentilmente o casco dianteiro do outro. Relinchavam várias vezes e com um som variável que parecia fala. Depois, como que para discutir entre si, caminharam um ao lado do outro, para trás e para frente. Pareciam pessoas debatendo algum assunto importante. Frequentemente dirigiam os olhos a mim, como para se certificar de que eu não fugira. Estava espantado de ver tais ações e tal comportamento em animais. Se eram assim os animais, concluí que os habitantes daquele país deveriam ser os homens mais sábios da terra. [...] Os dois cavalos chegaram mais perto de mim, olhando-me atentamente [...] Não deixavam de lembrar um filósofo tentando entender algum fenômeno novo e difícil. Em suma, o comportamento daqueles animais era tão racional e sensato que concluí serem mágicos que se tinham transformado em cavalos.<sup>5</sup>

As descrições acima são as primeiras feitas a, respectivamente, *Yahoos* e *Houyhnhnms* e constituem-se no princípio da experiência que se desenrolará de 09 de maio de 1711 a 15 de fevereiro de 1714, período da estadia de Gulliver no

<sup>4</sup> Jonathan Swift, *As viagens de Gulliver*, 1971, p. 208 a 209, grifo nosso.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 210 a 211.

país. Nesse tempo, acompanhamos as convicções do autor se moverem para o horror à sociedade em que efetivamente vivia e para a mais completa ojeriza à espécie a que pertencia: os quase três anos de convivência fazem, simultaneamente, aumentarem o amor e respeito do personagem pelos seres nos quais descobriu existir a razão, e despontar o ódio por aqueles outros tão fisicamente parecidos com ele e nos quais enxergou hiperbolizados seus maiores defeitos e vergonhas: “Quanto àqueles *Yahoos* imundos, por mais que eu amasse a humanidade, devia confessar jamais ter visto um ser animado tão abominável em todos os aspectos”<sup>6</sup>.

[...] ouvi a palavra Yahoo repetida várias vezes. Não sabia seu significado. Logo, porém, seria melhor informado, para minha eterna aflição [...] Levou-me, então, a um outro edifício, a alguma distância da casa. Entrei e vi três daquelas detestáveis criaturas que eu encontrara por primeiro ao desembarcar. Alimentavam-se de raízes e da carne de alguns animais, que depois soube serem burros e cães. Às vezes, comiam a carne de alguma vaca morta por acidente ou doença. Estavam todos amarrados pelo pescoço e presos a uma trave. Seguravam a comida com as garras das patas dianteiras e a rasgavam com os dentes. O cavalo-mestre ordenou a um alazão, seu criado, que desamarrasse o maior desses animais e levasse para um pátio. A besta e eu fomos levados para bem perto um do outro e nossas feições comparadas atentamente pelo senhor e seu criado, que repetiram várias vezes: — Yahoo. É impossível descrever meu horror e meu espanto, quando notei, nesse animal abominável, uma figura humana completa, apesar do rosto achatado, do nariz mais fundo, os lábios grandes e a boca larga.<sup>7</sup>

Tais impressões e sentimentos foram provocados no narrador não só pela observação e entendimento dos acontecimentos entre os *Houyhnhnms*, mas também, e principalmente, pelas deliberações das quais foi participante enquanto esteve em seu meio: tendo levado cerca de três meses para conseguir se comunicar no idioma dos nativos, Gulliver passa a maior parte do tempo conversando com seu *amo*, modo que usa para designar o *Houyhnhnm* que o acolheu em sua casa. Este, por sua vez, “convencido de que eu (Gulliver) era um Yahoo, mas minha capacidade de aprender, minha educação e asseio o espantava. É que essas qualidades eram o oposto das daqueles animais”<sup>8</sup> e “considerando um

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 214 a 215, grifo nosso.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 209.

prodígio que um animal irracional desse tantas mostras de razão”<sup>9</sup>, inquire Gulliver acerca de assuntos diversos, nos quais ambos passam a intercalar as marcas distintivas das comunidades a que pertencem.

Em tais colóquios, o narrador e nós descobrimos que, etimologicamente, o termo *Houyhnhnms* significa “a perfeição da natureza”<sup>10</sup>, bem como que não há entre esses seres palavra que defina “coisa que não é”<sup>11</sup>:

[...] duvidar ou não acreditar são tão pouco conhecidos neste país que seus habitantes não sabem muito bem como se comportar em tais circunstâncias. Só com grande dificuldade conseguia fazê-los entender o que eu queria dizer ao falar em mentira e falsidade. Assim raciocinava meu amo: “A utilidade da fala é fazer-nos compreender uns aos outros e receber informação a respeito dos fatos. Ora, se alguém disser a coisa que não é, esses objetivos não são atingidos, pois nesse caso não estou realmente entendendo a outra pessoa nem sendo informado como convém.” Era essa a sua noção da capacidade de mentir, tão universalmente praticada entre os seres humanos<sup>12</sup>.

Os *Houyhnhnms* são devotados única e exclusivamente à razão – “Se é possível haver algum país onde só os *Yahoos* sejam dotados de razão, eles ali serão certamente os animais dominantes. Afinal, a razão sempre será mais poderosa que a força bruta”<sup>13</sup> – e que entre eles também não se encontram palavras para designar qualquer crime, bem como expressões que possam significar *poder, governo, guerra, lei, punição*, entre outras.<sup>14</sup> “Os *Houyhnhnms* não têm nenhuma palavra em sua língua para expressar o mal. Recorrem, se necessário, às deformidades e más qualidades dos *Yahoos*. Quando o tempo, por exemplo, está feio, dizem *Que tempo-Yahoo!*”<sup>15</sup>.

Por outro lado, Gulliver leva seu anfitrião ao conhecimento de que, em sua sociedade de origem, evidenciam-se “o desejo de poder e riquezas, os terríveis efeitos da cobiça e o excesso de maldade e de inveja”<sup>16</sup>; de que a ambição dos

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 219.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 219.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 220.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 225, grifo nosso.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 227.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 228.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 258.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 229.

governantes, a corrupção dos ministros e as divergências de opinião levam diferentes países fácil e constantemente a longas e sangrentas guerras<sup>17</sup>; e de que há entre os da sua espécie um apreço exacerbado por “roupas finas, melhores casas, terras, comidas e bebidas caras”<sup>18</sup>:

Por isso, como só o dinheiro é capaz disso, nossos Yahoos nunca acham que o têm em quantidade suficiente para gastar ou poupar, conforme são inclinados ao consumismo ou à avareza. Os ricos desfrutam do trabalho dos pobres, que são mil vezes mais numerosos que os primeiros. A maior parte de nosso povo é obrigada a levar uma vida miserável, trabalhando todo dia com um salário pequeno, para que uns poucos vivam com fartura<sup>19</sup>.

Sendo assim, é recorrente entre o autor e seu interlocutor a noção de que a razão, ou algo que a ela se assemelhe – “[...] tenho medo de que a deturpação da razão seja pior do que ausência total dela. Estou certo de que vocês não possuem razão, mas somente alguma outra qualidade apropriada para aumentar seus vícios naturais”<sup>20</sup> – acaba por funcionar como uma afiadíssima faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que é capaz de fazer avultarem as virtudes às quais podem tender alguém ou algum grupo, pode também propiciar que os piores vícios e deformações de caráter assumam, igualmente, proporções assustadoras e terrivelmente danosas. Por isso, afirmamos que Swift, nesse ponto, parece chamar a nossa atenção para um tímido, porém intermitente ponto de luz ao final do túnel – e ele incide sobre atributos que, embora nos tenham sido dados, parecem ter ficado esquecidos em algum ponto do caminho:

Vocês são uma espécie dotada de uma pontinha de razão. Porém, só conseguem usá-la para piorar seus vícios naturais e adquirir novos outros que a natureza não deu. Vocês estão sempre sentindo falta de alguma coisa mais, sempre com novas necessidades e passam a vida toda tentando satisfazê-las com suas invenções. Suas instituições e suas leis atestam os erros grosseiros de sua razão, já que a razão já basta para governar uma criatura realmente racional. Quem é racional não precisa de instituições e leis.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 230.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 241.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 242, grifo nosso.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 240.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 246, grifo nosso.

Por fim, a exposição do autor a esse elevadíssimo padrão de moral e virtude não poderia, de forma alguma, ter surtido efeitos que não este:

As muitas qualidades daqueles excelentes quadrúpedes, tão opostas aos vícios humanos, tinham aberto meus olhos até para enxergar os meus próprios defeitos. Eu aprendera, também, com o exemplo de meu amo, a ter ódio supremo a toda espécie de falsidade e hipocrisia. A verdade me pareceu tão adorável que estava determinado a sacrificar tudo por ela. [...] sentia grande amor e respeito pelos *Houyhnhnms*. Tão grande, que decidira nunca mais voltar para junto do gênero humano, mas, sim, passar o resto da minha vida entre aqueles seres admiráveis. O destino, porém, meu perpétuo inimigo, determinou que eu não teria tal felicidade.<sup>22</sup>

Muito mais do que isso, os desdobramentos de experiência tão fantástica e prazerosa, por um lado, e traumática e repulsiva por outro, marcaram profundamente o narrador pelo restante de sua vida, mesmo depois de anos convivendo novamente entre seus pares: “na semana passada, comecei a permitir que minha esposa almoçasse comigo, na ponta mais distante de uma mesa comprida. Ainda assim, o cheiro de um *Yahoo* continua repulsivo”<sup>23</sup>.

#### 4. O Apóstolo Paulo

Tomar conhecimento dos fatos supracitados leva-nos, inevitavelmente, a traçar um paralelo entre os ocorridos com Gulliver e conhecidas passagens da vida do Apóstolo Paulo, a quem a autoria de treze livros do *Novo Testamento* é atribuída. Nascido provavelmente em 2 a.C., em uma rica família judia de Tarso – uma então cidade universitária da Cilícia –, Saulo recebeu seu nome em homenagem ao rei Saul, tendo passado a ser conhecido pela alcunha que o eternizou após a conquista da cidadania romana por seu pai. Sua condição socioeconômica permitiu que aprendesse grego, hebraico e aramaico, bem como que recebesse instruções para sua formação religiosa e moral diretamente de

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 247.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 275.

Gamaliel, membro do concílio e do Sinédrio, que era a suprema corte civil-religiosa dos judeus<sup>24</sup>.

Assim, os primeiros passos de sua caminhada foram dados em sentido oposto àquele do que veio a ser futuramente: incomodado com os intrépidos seguidores de Jesus e revoltado com o teor de suas pregações, passa a persegui-los, uma vez que, para os judeus, a fé cristã constituía-se em uma afronta:

(Estêvão): Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos, vós que recebestes a lei por ministério de anjos e não a guardastes.

Ouvindo eles isto, enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele. Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus.

Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele. E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejavam Estêvão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito! Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado! Com estas palavras, adormeceu. E Saulo consentia na sua morte.<sup>25</sup>

A conversão de Saulo e mudança de vida ocorreram por volta de 33 d.C., a partir de um episódio ocorrido enquanto empreendia uma viagem para Damasco com o intuito de prender os cristãos de lá:

Mas, seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu; e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te cumpre fazer. Os homens que viajavam com ele quedaram-se emudecidos, ouvindo, na verdade, a voz, mas não vendo ninguém.<sup>26</sup>

Dessa forma, o antigo perseguidor iniciou sua trajetória não só como missionário – tendo empreendido três grandes viagens nas quais tencionava

<sup>24</sup> Quemuel Lima, *Epístolas Paulinas: fundamentos da igreja cristã*, 2007.

<sup>25</sup> A Bíblia, *Atos dos Apóstolos*, 7:51-8:1.

<sup>26</sup> *Ibidem*, 9:3-7.

levar adiante a mensagem de Cristo, fundar igrejas e doutriná-las – mas, principalmente, como aquele que foi capaz de sistematizar a fé cristã e orientar os que se convertiam para a verdadeira piedade em todos os aspectos de suas vidas. Seu conhecimento do Antigo Testamento, combinado a profundas meditações filosóficas e acerca da realidade social, tornou-o responsável pela administração das diversas igrejas que se estabeleciam nos lugares por onde passava. Tal incumbência foi cumprida em parte por meio do envio de cartas, nas quais passagens de sua vida, suas experiências e seus conhecimentos dão o tom para reflexões e exortações acerca, entre outros, dos fundamentos da justificação pela fé, do serviço cristão, dos eternos propósitos de Deus, do perdão eficaz, da unidade e da solução de conflitos e, finalmente, da preparação para a segunda vinda de Cristo.

Não versaremos, no entanto, no presente estudo, acerca das cartas escritas e enviadas pelo apóstolo; devido à leitura a que nos propusemos e da intertextualidade temática que cremos poder traçar com a obra de Jonathan Swift, nos deteremos na segunda carta enviada à igreja de Corinto, especialmente em seu décimo segundo capítulo.

## 5. A visão de Paulo e a Segunda Carta aos Coríntios

A cidade de Corinto localizava-se no estreito de Istmo, entre os mares Egeu e Adriático. De população diversificada, contando com gregos, romanos, orientais e outros, constituía-se em uma conhecida referência, principalmente por seu movimentadíssimo porto, por seu próspero comércio e pelos jogos atléticos que sediava de tempos em tempos<sup>27</sup>. A fundação da igreja – ocorrida por volta de 52 d.C. durante a segunda viagem missionária de Paulo – levou em consideração, além desses elementos, o fato de a urbe abrigar o famoso templo de Afrodite,

---

<sup>27</sup> Quemuel Lima, *Epístolas Paulinas: fundamentos da igreja cristã*, 2007.

habitado por mais de mil prostitutas e que servia como grande atrativo para a região.

Desse modo, passaram a fazer parte da igreja de Corinto pessoas que davam seus primeiros passos na caminhada da fé cristã. Com o passar do tempo, tal fato foi responsável por uma série de conflitos morais e espirituais que se instalavam entre os fiéis, entre estes e os de fora da comunidade e que envolviam até o próprio apóstolo e as demais autoridades eclesíásticas. Entre os anos de 55 e 56 d.C., Paulo escreveu e enviou sua primeira carta aos coríntios, na qual versou acerca das divisões existentes no seio da igreja, do orgulho, da imoralidade e da indisciplina demonstrados por alguns de seus membros; além disso, foram igualmente tema de suas admoestações o litígio, a idolatria e a desordem que, por conseguinte, acabavam por imperar nas práticas e no dia-a-dia dos crentes de Corinto. Orientando-os, exortando-os e buscando dirimir toda e qualquer dúvida que pudessem ter acerca da nova vida que abraçavam, o apóstolo encerrou a missiva atentando: “Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente e fortalecei-vos. Todas as vossas coisas sejam feitas com amor”<sup>28</sup>.

A *Segunda Carta do Apóstolo São Paulo aos Coríntios* foi escrita após um curto intervalo de tempo em relação à anterior, provavelmente entre os últimos meses do ano de 56 e os primeiros de 57 da nossa era. Desta feita, embora alguns dos fatores que motivaram a existência da primeira correspondência ainda configurassem motivo de reprimendas ou alertas, a intenção primordial do autor foi outra: havia em Corinto um grupo de oposição a ele, que argumentava que, por não ter andado em companhia de Jesus, Paulo não poderia ser considerado um verdadeiro apóstolo. Assim, para defender sua autoridade e a autenticidade de seus feitos e esforços, o missionário redige sua mensagem:

Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus [...] Observai o que está evidente. Se alguém confia em si que é de Cristo, pense outra vez consigo mesmo que, assim como ele é de Cristo, também nós o somos. Porque, se eu me gloriar um pouco mais

---

<sup>28</sup> A Bíblia, *I Carta do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios*, 16:13-14.

a respeito da nossa autoridade, a qual o Senhor nos conferiu para edificação e não para destruição vossa, não me envergonharei [...] Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez.

Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós. [...] Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor. Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, e sim aquele a quem o Senhor louva.<sup>29</sup>

Argumentar em favor de sua vocação e em justificação da fidedignidade de seu ministério levaram o fundador da igreja a mencionar as tribulações que enfrentava – “Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos consolados, para vossa consolação é, a qual se opera, suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos”<sup>30</sup> –, o profundo e sincero amor que tinha pelos membros daquela comunidade – “Porque, em muita tribulação e angústia do coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que conhecêsseis o amor que abundantemente vos tenho”<sup>31</sup> –, a sinceridade com que agia e com a qual ministrava – “Porque nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus; antes, falamos de Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus”<sup>32</sup> – e da completa dependência de Deus na qual vivia e que, alegremente, reconhecia – “[...] não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus”<sup>33</sup>.

Além disso, Paulo também aproveitou a ocasião para exortar os coríntios a terem compromisso com a santificação – “Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus”<sup>34</sup> –, com a integridade – “[...] a ninguém agravamos, a ninguém corrompemos, de ninguém buscamos o nosso

---

<sup>29</sup> A Bíblia, *II Carta do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios*, 10:4-18.

<sup>30</sup> *Ibidem*, 1:6.

<sup>31</sup> *Ibidem*, 2:4.

<sup>32</sup> *Ibidem*, 2:17.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 3:5.

<sup>34</sup> *Ibidem*, 7:1.

proveito”<sup>35</sup> – e com a generosidade – “[...] o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância em abundância também ceifará”<sup>36</sup> –, bem como não deixou de lembrar aos fiéis o profundo zelo e dedicação que tinha para com eles – “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo”<sup>37</sup> e “Eu, de muita vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado”<sup>38</sup> – e os sofrimentos a que estava e sempre estivera sujeito por haver decidido dedicar sua vida à evangelização.

É quando da enumeração das aflições e perigos que o apóstolo chega a um ponto um tanto obscuro e, para nós, de grande interesse: a revelação de sua experiência, quatorze anos antes, de arrebatamento ao terceiro céu:

Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir. De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas.<sup>39</sup>

O conceito de terceiro céu é um tanto intrincado para nossa compreensão. Embora existam passagens bíblicas que falem dos céus no plural e de diferentes elementos neles presentes – como Gênesis.1:17, Deuteronômio.26:15 e 28:12, IReis.7:30 e 8:13, Salmos.42:9 e 78:23, Isaías.40:22 e 63:15 –, e a teologia judaica ateste a existência de sete céus, possivelmente seja mais fácil que busquemos compreendê-lo a partir de uma formulação imaterial, ou até mesmo temporal, e não geográfica:

[...] O céu é a dimensão de Deus da realidade em que vivemos [...] O que aconteceu (com Paulo) foi uma súbita revelação de uma dimensão de nossa realidade que esteve sempre lá, mas normalmente invisível. [...] Em termos espaciais, podemos dizer que o termo “céus” refere-se ao avesso da

<sup>35</sup> *Ibidem*, 7:2.

<sup>36</sup> *Ibidem*, 9:5.

<sup>37</sup> *Ibidem*, 11:4.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 12:15.

<sup>39</sup> *Ibidem*,12:1-10.

realidade, isto é, àquilo que não é perceptível aos sentidos, à esfera espiritual, também chamada de “regiões celestiais”. Não se trata, portanto, de uma localização geográfica, algum ponto para além das galáxias. Quando se fala de céu como estando acima de nós, trata-se de uma metáfora que indica a sua superioridade em relação à esfera terrena. [...] Muitos intérpretes afirmam que o primeiro céu seria a atmosfera terrestre, o segundo céu seria o espaço sideral, e o terceiro céu seria o lugar do trono de Deus. Sugiro uma leitura alternativa. Em vez de designações espaciais, designações temporais. Em vez de lugares, tempos. Portanto, o terceiro céu não seria um céu acima dos dois primeiros céus, mas um tempo à frente desses. Tomo por base da minha interpretação um texto muito conhecido da segunda epístola de Pedro, segundo o qual o primeiro céu teria existido desde a criação até o dilúvio (IIPe.3:5-6). Mais adiante, Pedro se refere aos céus atuais, que identificamos como o segundo céu: “Mas os céus e a terra de agora, pela mesma palavra, têm sido guardados para o fogo...” (IIPe.3:7-8). Por fim, ele fala do terceiro céu ao referir-se aos “novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça” (IIPe.3:13). [...] Portanto, o primeiro céu representa a era passada. O segundo céu, a era presente. E o terceiro céu, a era futura. Logo, concluímos que Paulo fora arrebatado ao futuro. [...] O paraíso não é um lugar, mas um tempo. Não podemos apontá-lo num mapa. Ele é encontrado nas páginas das Escrituras no início da criação, e reaparece no fim, não mais como o lugar bucólico original, mas como uma cidade. Para ser arrebatado ao paraíso, teríamos que viajar no tempo, fosse para o passado, no início de tudo, ou para o futuro, quando na consumação da história.<sup>40</sup>

Entretanto, não é a tal entendimento que nos devotaremos, mas sim à grande valia da experiência e dos efeitos por ela causados no missionário cristão. Compete-nos destacar que a visão é descrita não somente para a defesa do apostolado de Paulo, mas também para trazer à tona a questão do orgulho, mal que podemos dizer arraigado entre os destinatários da epístola: contando o que viveu em terceira pessoa do singular, o autor revela a dualidade das marcas de que se tornou portador – se, por um lado, protagonizou momentos e vivências ímpares, por outro ficou fadado a carregar tais visões como um fardo e como um lembrete do quão insignificante é a existência humana. E são estes vestígios – a compreensão da humanidade sofrendo as pisaduras da inferioridade e da insignificância frente a um padrão de excelência, e a ofensa causada pela pretensão e soberba tão inerentes à nossa espécie – que nos permitem aproximar os relatos de Gulliver e de Paulo, encontrando neles uma linha condutora comum.

---

<sup>40</sup> César Francisco Raymundo, *Redefinindo “Céu”, “Terceiro Céu” e “Paraíso”*, 2014.

## 6. Gulliver, Paulo, a humanidade e o espinho na carne

Northrop Frye afirmava ser a Bíblia obra basilar e fundamental da literatura ocidental. Para este crítico canadense, por tecer narrativas a partir de concepções míticas e metafóricas, o livro sagrado tem por característica estender-se sobre a totalidade do tempo, dando a nós a possibilidade de compreendê-lo como gerador – ou *mãe* – de uma miríade de outras narrativas. “A Bíblia certamente é um elemento da maior grandeza em nossa tradição imaginativa, seja lá o que pensemos acreditar a seu respeito. [...] Para compreender a literatura inglesa, é indispensável o conhecimento bíblico”<sup>41</sup>.

Ao mencionar o clássico de Jonathan Swift, Frye também considerou o latente intertexto bíblico por nós evidenciado e posto em perspectiva no presente estudo. Em uma das entrevistas compiladas por O’Grady (2013), durante um pequeno colóquio acerca do ser saudável ou não para a fé, que as convicções fossem constantemente colocadas à prova, o crítico asseverou:

Há uma busca repetitiva e incansável – mórbida até, para alguns –, em grande parte da literatura contemporânea, por o que devemos chamar de *natureza humana*. Um dos grandes clássicos da literatura, com o qual os alunos sempre tiveram muita dificuldade, é a última parte de *As viagens de Gulliver* [...] os *Yahoos*, criaturas bestiais, fedorentas e repulsivas são os animais, enquanto os cavalos apresentam educação, bom senso e razão. Embora mais asseado e inteligente, Gulliver tem consciência de que ainda é um *Yahoo*, de que é participante daquela natureza. Pelo fato de Swift ser um sacerdote, e, portanto, dedicado ao crescimento da igreja e à observância de certos valores, ele soube muito bem o que fazer com tal concepção: Gulliver volta à Inglaterra não odiando os humanos (o que seria infantil e contraditório aos interesses do escritor), mas odiando o orgulho [...] Há em *As viagens de Gulliver*, sob a espessa camada irônica, o interesse de colocar à prova a natureza humana, a repetição daquela questão “Coloque um homem em uma ilha deserta e o que ele se torna?”. [...] No entanto, o livro não estabelece os parâmetros da igreja frente à sociedade; ele deixa que o leitor avalie e chegue a uma conclusão. O problema é que o leitor, a esta altura, geralmente está tão perdido e perplexo quanto o próprio Gulliver<sup>42</sup>.

Ao que complementou, indagado se a imagem que tal natureza sugeria não remeteria à imagem do *homem sem Deus*, descrita por Paulo em suas cartas,

<sup>41</sup> Northrop Frye, *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*, 2004, p. 18.

<sup>42</sup> Jean O’Grady, *Interviews with Northrop Frye*, 2013, p. 92-94, tradução nossa.

reiterando que “[...] Paulo tinha suas respostas. E eu não sugiro que estejamos diante de um novo problema, mas de um problema velho para os quais as antigas respostas não mais são aceitas”<sup>43</sup>.

A presença bíblica é, de fato, marcante em reflexões dessas proporções, afinal, está sendo levada em conta aqui a natureza humana. “Nenhuma sociedade [...] consegue manter em foco seus mitos centrais de inquietação, a menos que sejam continuamente representados”<sup>44</sup>. Todavia, o que mais nos interessa no presente momento, além de observar o orgulho como a principal via sobre a qual transitam os elementos similares da *Segunda Carta aos Coríntios* e da *Viagem ao país dos Houyhnhnms*, é traçar um paralelo entre as motivações – nobres e instrutivas – de ambos os autores, demonstrar que ambos reconhecem ter passado por fatos significativos e desencadeadores de mudanças definitivas de vida e, finalmente, caminhar no sentido oposto ao do arremate de Northrop Frye: se as antigas respostas não mais servem às reiteradas interpelações, talvez possamos classificar o mote – a nossa natureza – como a dolorosa marca não espiritual carregada: ser um Yahoo é, definitivamente, ter um *espinho na carne*. A partir deste momento, nossos comentários serão precedidos por quadros, conforme ilustrado abaixo, colocando em comparação e perspectiva trechos de ambas as obras:

*Viagem ao país dos Houyhnhnms – Jonathan Swift*

Minha reconciliação com a espécie dos Yahoos poderia ser menos difícil se eu não visse neles um amontoado de deformidades e doenças no corpo e no espírito. Além disso, incham-se de orgulho, o que acaba com minha paciência. Como um animal desse e um vício desse tipo podem estar juntos? *De que se pode orgulhar um Yahoo? Os sábios e virtuosos Houyhnhnms nem têm um nome para esse vício em sua língua. Não foram capazes de distinguir o orgulho entre as características detestáveis dos Yahoos, porque não possuem uma compreensão completa da natureza humana tal qual se revela nos países em que aqueles animais dominam. Mas eu, que tenho mais experiência, pude observar alguns traços de orgulho entre os Yahoos selvagens. Mas os Houyhnhnms não têm orgulho das boas qualidades que possuem, assim como eu não deveria me*

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>44</sup> Northrop Frye, *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*, 2004, p. 75.

*orgulhar por não ter falta de uma perna ou um braço. Nenhum homem em seu juízo perfeito haveria de se vangloriar disso, por mais que houvesse de ser um pobre coitado sem eles*<sup>45</sup>.

### *Segunda Carta aos Coríntios – Paulo*

Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor<sup>46</sup>;

Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, *assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo*<sup>47</sup>;

Porque receio que, quando chegar, *vos não ache como eu quereria*, e eu seja achado de vós como não quereríeis, e que de alguma maneira haja pendências, invejas, iras, porfias, detrações, mexericos, orgulhos, tumultos; que, quando for outra vez, *o meu Deus me humilhe para convosco, e eu chore por muitos daqueles que dantes pecaram e não se arrependeram da imundícia, e prostituição, e desonestidade que cometeram*<sup>48</sup>;

*Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos [...] porque nada podemos contra a verdade, senão pela verdade*<sup>49</sup>.

#### **Quadro 1**

Fonte: Autor, *Acerca do orgulho*, 2019.

Conformado com sua sorte e dedicado à meditação do que vivera em sua última viagem, é a inclinação humana ao orgulho – observável inclusive nos horrendos Yahoos – que mais impressionam Gulliver e o impedem de voltar a sentir seu outrora declarado amor à humanidade. Semelhantemente, Paulo, que alertara os coríntios desde a primeira carta enviada – “Estais ensoberbecidos e nem ao menos vos entristecestes”<sup>50</sup> –, insiste para que os de seu rebanho perseverem agindo com firmeza e não retornem à sua condição anterior. Certamente, é na arrogância à qual tendem que reside grande perigo para os intentos do apóstolo.

<sup>45</sup> Jonathan Swift, *As viagens de Gulliver*, 1971, p. 275, grifo nosso.

<sup>46</sup> A Bíblia, *II Carta do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios*, 10:17.

<sup>47</sup> *Ibidem*, 11:3, grifo nosso.

<sup>48</sup> *Ibidem*, 12:20-21, grifo nosso.

<sup>49</sup> *Ibidem*, 13:5-8, grifo nosso.

<sup>50</sup> *Ibidem*, 5:2.

### Viagem ao país dos Houyhnhnms – Jonathan Swift

Meu objetivo principal foi informar, não divertir. Um viajante deveria se preocupar, sobretudo, com tornar os homens mais sábios e melhores, mostrando-lhes os exemplos bons e maus vistos em países estrangeiros [...] Quanto a mim, minha única intenção é o bem público. Afinal, quem pode ler sobre as virtudes dos gloriosos Houyhnhnms sem se envergonhar de seus próprios vícios? Não escrevo para criticar ninguém, mas para instruir a humanidade [...] Escrevo sem pensar em lucro ou elogio<sup>51</sup>.

### Segunda Carta aos Coríntios – Paulo

Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós, o nosso coração está dilatado<sup>52</sup>;

Eu, de muito boa vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado<sup>53</sup>;

Portanto, escrevo essas coisas estando ausente, para que, estando presente, não use de rigor, segundo o poder que o Senhor me deu para edificação e não para destruição<sup>54</sup>.

#### Quadro 2

Fonte: Autor, *Acerca das motivações (instrutivas)*, 2019.

Paradoxo compreensível somente a partir do conhecimento da lógica cristã: arrependimento, mudança de vida e amor ao próximo como a si mesmo. Provavelmente, as escamas dos olhos de muitos caíram, caem e cairão, configurando uma mensagem com a tônica *não se pode desistir da humanidade*. Enxergando-se diferenciados do público a que falavam, Gulliver e Paulo, conservando a humildade e a consciência de quem efetivamente eram e da natureza a que pertenciam, lançam mão do que viveram para que os demais possam também experimentar o que sentem. Sem dúvida, é o amor pelos homens,

<sup>51</sup> Jonathan Swift, *As viagens de Gulliver*, 1971, p. 274, grifo nosso.

<sup>52</sup> A Bíblia, *II Carta do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios*, 6:11, grifo nosso.

<sup>53</sup> *Ibidem*, 12:14, grifo nosso.

<sup>54</sup> *Ibidem*, 13:10, grifo nosso.

que o viajante crê não mais existir em seu coração – embora sua iniciativa mostre o contrário – e do qual o missionário tem plena consciência.

### *Viagem ao país dos Houyhnhnms – Jonathan Swift*

*Os Yahoos parecem ser, de todos os animais, os menos inclinados ao aprendizado. Sua capacidade nunca vai além de arrastar ou carregar peso. Na minha opinião, esse defeito nasce de sua índole perversa e teimosa, pois são espertalhões, maldosos, traiçoeiros e vingativos. São fortes e vigorosos, mas covardes, insolentes, vis e cruéis<sup>55</sup>;*

*Os Yahoos são os animais mais imundos, nocivos e disformes que a natureza produziu. São também os mais teimosos e indóceis, perversos e maldosos. Às escondidas, sugam as tetas das nossas vacas, matam e devoram nossos gatos, pisam em nossa aveia e nossa relva<sup>56</sup>;*

*Confesso com toda franqueza que o pequeno conhecimento que tenho da virtude foi adquirido pelas lições que recebi de meu amo e pelas conversas entre ele e seus amigos<sup>57</sup>;*

*Ao pensar em minha família, nos meus amigos e compatriotas, ou na raça humana em geral, via-os como realmente eram, Yahoos na forma e na índole, talvez um pouco mais civilizados e dotados de fala e razão. Mas desta última só usavam para desenvolver e multiplicar seus vícios. Quando acontecia de eu ver meu próprio corpo refletido num lago ou numa fonte, desviava meu rosto com horror e ódio a mim mesmo. Conseguia suportar melhor a visão de um Yahoo comum do que a de minha própria pessoa. Comecei a imitar o modo de andar e os gestos dos Houyhnhnms, o que se tornou um hábito<sup>58</sup>.*

### *Segunda Carta aos Coríntios – Paulo*

*E é por Cristo que temos tal confiança em Deus; não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus<sup>59</sup>;*

*Por isso, daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos desse modo. Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. Mas todas as coisas provêm de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo, e nos confiou o*

<sup>55</sup> Jonathan Swift, *As viagens de Gulliver*, 1971, p. 250, grifo nosso.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 255, grifo nosso.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 261, grifo nosso.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 261, grifo nosso.

<sup>59</sup> A Bíblia, *II Carta do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios*, 3:4-5, grifo nosso.

ministério da reconciliação; pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores por Cristo, como se Deus por nós vos exortasse. Rogamo-vos, pois, por Cristo que vos reconcilieis com Deus. *Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus*<sup>60</sup>;

*Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados. Mas espero que entenderéis que nós não somos reprovados. Ora, rogamos a Deus que não façais mal algum, não para que nós pareçamos aprovados, mas que vós façais o bem, embora nós sejamos como reprovados*<sup>61</sup>;

*Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando estou fraco, então, sou forte*<sup>62</sup>.

### Quadro 3

Fonte: Autor, *Acerca da natureza humana e da mudança de vida*, 2019.

Expostos, sem dúvida, a um padrão muito mais elevado, Gulliver e Paulo reconhecem o que os fez diferentes e as dificuldades que se avizinham por conta disso. O primeiro, após habitar em uma terra onde as mais belas virtudes desfilavam sem o menor traço de contaminação, está apto a distinguir perfeitamente os limites a si impostos por sua condição e o alargamento que poderia haver em tais fronteiras, caso a imitação do referido padrão passasse a ser uma constante:

*Tão horrível me parecia a idéia de retornar à vida em sociedade sob o governo de Yahoos. Na solidão, poderia ao menos me entreter com meus próprios pensamentos e meditar nas virtudes daqueles inigualáveis Houyhnhnms. Não teria oportunidade de degenerar nos vícios de minha própria espécie*<sup>63</sup>.

O segundo, arrebatado ao paraíso, é profundo conhecedor da dimensão de tal experiência e sabedor de que é dela que são advindos os atributos dos quais é portador, bem como de que deve guardar-se diariamente para que os frutos de

<sup>60</sup> *Ibidem*, 5:16-21, grifo nosso.

<sup>61</sup> *Ibidem*, 13:5-7, grifo nosso.

<sup>62</sup> *Ibidem*, 12:10, grifo nosso.

<sup>63</sup> Jonathan Swift, *As viagens de Gulliver*, 1971, p. 265.

tal acontecimento possam continuar sadios e visíveis. No mais, sabe-se responsável por mirar-se no espelho enquanto igualmente necessita converter-se em exemplo e assim permanecer para os demais: “Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo”<sup>64</sup>.

## 7. Considerações finais

Não há, decerto, a prerrogativa da inovação em um estudo dedicado a estabelecer e ter como aporte a intertextualidade de determinada obra com a *Bíblia Sagrada*, aspecto inequívoco do vasto pensamento de Northrop Frye – e não só dele – e inúmeras vezes explorado em uma miríade de outras obras. Todavia, o que nos despertou o interesse de modo particular em *Viagem ao país dos Houyhnhnms* foi o *aspecto sentimental* que configura o diálogo pós-traumático entre os personagens aqui apresentados: Lemuel Gulliver e Apóstolo Paulo.

O protagonista do romance experimenta estar face a face com aquilo que considera mais deplorável em si mesmo; o missionário dos primórdios de nossa era vivencia e conhece os traços da perfeição em sua forma mais pura e, se é possível assim descrever, mais elevada. Fechados em si mesmos na proposição de reflexões que intentam abarcar a integralidade do mérito e dos desdobramentos de tais experiências – de natureza traumática –, ambos têm em si despertada uma espécie de missão propagadora de boas novas: eis o aspecto sentimental que os une e tipifica.

É notória a galeria de personagens, histórias e mitos bíblicos que ora desfila pelas páginas da literatura ora propõe-se a habitar as entrelinhas de nossas segundas ou terceiras leituras literárias. Contudo, para uma obra alegórica como o romance aqui apresentado, pensamos ser de extrema relevância que seu mais impactante intertexto tenha gênese na decepção do narrador consigo mesmo e na profunda desilusão sentida quando alijado da presença daqueles que,

---

<sup>64</sup> A Bíblia, II Carta do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios, 11:1.

para ele, encarnavam a perfeição. Semelhantemente, é na angústia da comparação com seres tão imperfeitos que a tristeza do missivista se torna patente, pontuando a narrativa de sua aproximação e posterior separação do acme das plenitudes. Destarte, tais sentimentos negativos e angustiantes transfiguraram-se, conscientemente ou não, em atitudes positivas e confiantes.

Assim, Gulliver e Paulo dividem seus impulsos instrutivos, seu ódio pelo orgulho e seu grito pela mudança a que devemos nos sujeitar, não se fechando na desilusão, mas apontando para uma solução palpável: sermos completamente novos e imitarmos o que é perfeito. Tirando, como se faz com o excesso de poeira, as camadas que se interpõem entre nosso entendimento e a mensagem das obras, sobra-nos, do trauma, um sinal positivo – temática absolutamente cristã, que muito mais que uma vez nos esclarece que a morte precede a vida: “Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”<sup>65</sup>.

Por fim, tencionamos abordar um traço pouco lembrado e tampouco citado de *As viagens de Gulliver*, obra indubitavelmente presente em nosso imaginário, muito mais pelo primeiro – muitas vezes mais contado, recontado e adaptado – do que pelo último capítulo, revelando que a força e notabilidade de tal traço têm, como tantos outros exemplos do universo literário, suas raízes em questões que não nos são novas – são, ao contrário, distintivas de nossa condição humana e encontram-se presentes nas páginas da *Bíblia Sagrada*. Assim, cumprimos com nosso objetivo de contribuir para uma leitura mais eclética e uma análise diferenciada da obra em questão.

---

<sup>65</sup> A Bíblia, *O Evangelho segundo S. João*, 12:24.

## Referências

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada: O Antigo e o Novo Testamento*. Santo André: Imprensa Bíblica Brasileira, 2008.

BURGESS, Antony. *A literatura inglesa*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. Trad Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

LIMA, Quemuel. *Epístolas Paulinas: fundamentos da igreja cristã*. Pindamonhangaba: IBAD, 2007.

O'GRADY, Jean (org.). *Interviews with Northrop Frye*. Toronto, CAN: Victoria University, University of Toronto, 2013.

RAYMUNDO, César Francisco. *Redefinindo "Céu", "Terceiro Céu" e "Paraíso"*. 2014. Revista Cristã Última Chamada (online). Disponível em: [http://www.revistacrista.org/Morte%20e%20Eternidade\\_o\\_que\\_eo\\_Terceiro\\_Ceu.htm#.WoBLH-jwbIV](http://www.revistacrista.org/Morte%20e%20Eternidade_o_que_eo_Terceiro_Ceu.htm#.WoBLH-jwbIV). Acesso em 11 fev. 2018.

SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. Trad. Octavio Mendes Cajado. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

SWIFT, Jonathan. *Uma modesta proposta e outros textos satíricos*. Trad. José Oscar de Almeida Marques, Dorothee de Bruchard. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

### Referência para citação deste artigo

BENITES, Fernando; MENON, Maurício. A vida de Gulliver entre os Houyhnhnms e a visão de Paulo: ser um Yahoo (Humano) é ter um espinho na carne?. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 1, número 2, p. 271 – 296, outubro de 2019.